

RESENHA

SALES, Jean Rodrigues (org.). **Guerrilha e revolução: a luta armada contra a ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2015.

A luta armada contra a Ditadura no Brasil

CÁSSIO AUGUSTO GUILHERME*



Passados trinta anos do fim da Ditadura Civil-Militar, setores da sociedade brasileira, insatisfeitos com os resultados eleitorais da democracia, vão às ruas pedir o “retorno dos militares”. Tais “protestos” têm como marca a forte presença do discurso anticomunista e contra as esquerdas nos moldes do pré-golpe de 1964. O alvo é a presidenta Dilma Rousseff, ex-presa política que fora torturada pelos militares por pertencer aos Comandos de Libertação Nacional (COLINA), grupo de guerrilha urbana que lutou contra a ditadura.

Neste contexto, é de importância acadêmica e social a publicação, em parceria das editoras Lamparina e Faperj, a coletânea “Guerrilha e revolução: a luta armada contra a ditadura militar no Brasil”, organizada por Jean Rodrigues Sales. Os doze capítulos de diferentes autores são resultados de pesquisas recentes sobre a temática da resistência armada à Ditadura brasileira e traçam um ótimo quadro geral sobre o tema.

A principal contribuição do livro é reunir em uma única publicação informações sobre, praticamente, todos os grupos armados que atuaram contra a Ditadura no Brasil. Além disso, podem ser bem estudadas questões como até que ponto a luta armada contribuiu ou atrasou a redemocratização, como eram

as ações e a organização interna dos grupos armados, qual o grau de legitimidade popular dos guerrilheiros e sua reinserção social pós-ditadura.

Outro ponto positivo da publicação é abrir espaço para temáticas que vão além do eixo Rio-São Paulo. Não se trata de negar que tais cidades contaram com maiores organizações e atuações na luta armada contra o regime ditatorial, porém, o livro apresenta e discute as atuações da Política Operária (POLOP) e COLINA em Minas Gerais; do Grupo de Osasco e seu engajamento nas lutas operárias da cidade e posteriormente na guerrilha urbana da capital paulista; os contatos e atuações de vários grupos guerrilheiros em Salvador, na Bahia e, por fim, os muitos grupos armados que se organizaram a partir do Rio Grande do Sul e sua capital.

A tentativa de organizar uma guerrilha no Parque Nacional do Caparaó, desmantelada pela polícia mineira em 1967, é o tema do capítulo que abre o livro. Além de apresentar o perfil dos militantes e a organização para a implantação da guerrilha no local, o texto analisa as memórias dos moradores da região. Distantes das discussões políticas dos grandes centros, os camponeses locais tiveram pesadelos com a “ameaça comunista”, pois “passaram a temer a perda de suas

terras e de sua liberdade, além da destruição da religião, da família (...) fugas da região, choros desesperados, pessoas trancadas em suas casas e desmaios” (2015: 16).

Muitos dos grupos guerrilheiros contra a ditadura se formaram por não concordarem, internamente, com a estratégia de luta defendida pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Seis capítulos trabalham a temática destes vários grupos que preferiram se engajar na luta armada, urbana ou rural. Um capítulo, em especial, trata da formação e atuação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), de estratégia leninista, até sua dissolução com a reabertura política dos anos 1980.

A Ação Libertadora Nacional (ALN) é o tema de dois capítulos na coletânea. “Ou ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil” (2015:56) trabalha a formação da ALN desde o rompimento com o PCB, aspectos da vida de Carlos Marighella (e outros líderes do grupo) e as ações guerrilheiras com objetivos revolucionários. O outro capítulo apresenta as múltiplas formas de inserção de mulheres na luta revolucionária dentro da organização.

Um capítulo é dedicado ao Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), de Dissidência da Guanabara em relação ao PCB, passando pelas ações de guerrilha e o racha interno ante a forte repressão da Ditadura que matou, prendeu ou forçou ao exílio muitos de seus líderes.

Outro destes grupos, que via a luta armada como opção revolucionária ante a Ditadura brasileira, é a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Também fruto de cisão interna do PCB, se uniu ao COLINA para formar a Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR-Palmares), cujo

objetivo, não concretizado, foi o de formar uma guerrilha rural no país.

O último capítulo da coletânea trata da experiência guerrilheira desencadeada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) na região do Araguaia. Apesar do fracasso, com todos os guerrilheiros mortos ou presos pelo exército e a quase nenhuma adesão camponesa ao movimento, é o que de mais próximo a esquerda brasileira chegou da implantação de um foco de resistência armada contra a Ditadura.

Interessante é o capítulo que trata da Ala Vermelha dentro do PCdoB. Já no ano de 1969, “foi pioneira no processo de autocrítica vivenciado pelos grupos da esquerda armada no Brasil (...) revisou suas táticas de luta, distanciando-se das ações armadas” (2015:135) e buscou a alternativa política junto às massas da população.

Para além da justa luta por uma sociedade sem desigualdades e opressão, ideais presentes em todos os grupos guerrilheiros que optaram pela luta armada contra a Ditadura, se lidos em uma ótica mais crítica, os textos da coletânea nos permitem observar, ao menos, mais dois aspectos importantes: primeiro, no geral, havia uma distância entre os grupos armados e as massas que eles pretendiam representar, muito também em função do contexto da época, de censura e direção ideológica anticomunista; segundo, e como desdobramento do aspecto anterior, as intermináveis discussões internas, rachas, congressos clandestinos que duravam dias serviram para fragmentar a luta revolucionária em vários grupos, com pouca força militar e inserção social, encaminhando-os para a derrota ante a maior coesão e organização da repressão armada promovida pelos militares.

Portanto, diante do cenário atual de crescimento eleitoral dos partidos à direita, pressão midiática anticomunista e até de políticos que flertam com o golpismo, o livro em questão, se lido em perspectiva crítica, pode contribuir para que as esquerdas brasileiras do século XXI não cometam os mesmos erros de análise de conjuntura da

realidade brasileira, falhas na inserção com as massas e, principalmente, a fragmentação. A História não precisa se repetir como farsa.

*Recebido em 2015-11-03
Publicado em 2016-02-14*



*

CÁSSIO AUGUSTO

GUILHERME é Mestre em História (UEM) e professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).